**A sociedade em rede**

**Manuel Castells**

Manuel Castells enumera quatro culturas que formaram a Internet: a cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empreendedora.

* **Cultura Tecnomeritocrática:** A cultura tecnomeritocrática é elitista, relacionada à comunidade científica e acadêmica, que valoriza a inovação tecnológica.
* **Cultura hacker:** A cultura hacker também valoriza a inovação tecnológica, mas é baseada na liberdade e na criatividade no uso dos meios disponíveis, inclusive na distribuição do conhecimento. Busca também independência institucional, social e econômica. O hacker se aproxima do artista.
* **Cultura comunitária:** A cultura comunitária virtual utiliza e ao mesmo tempo modifica a tecnologia da Internet, que se torna “instrumento para a organização social, a ação coletiva e a construção de sentido”.
* **Cultura empreendedora:** A cultura empreendedora se apropria da Internet enquanto oportunidade de lucro e tenta controlá-la para que ela não perca essa capacidade. Transforma tecnologia em mercadoria e capital, dentro de um modelo de capitalismo financeiro de alto risco.

Para Castells a cultura da Internet é “uma cultura construída sobre a crença tecnocrática no progresso humano através da tecnologia, praticada por comunidades de hackers que prosperam num ambiente de criatividade tecnológica livre e aberta, assente em redes virtuais, dedicadas a reinventar a sociedade, e materializada por empreendedores capitalistas na maneira como a nova economia opera”.

Castells parte do processo de transformação tecnológica, no contexto social em que ele ocorre, para compreender as mudanças sociais posteriores. A tecnologia não determina a sociedade e a sociedade não determina o desenvolvimento tecnológico. Entretanto, a tecnologia não pode ser compreendida fora do contexto social, nem a sociedade pode ser compreendida sem suas tecnologias.

Para ele o grande salto do desenvolvimento da tecnologia da informação está relacionado à cultura da liberdade, inovação individual e iniciativa empreendedora oriunda da cultura dos campi norte-americanos da década de 1960, sendo que as redes de “internet” começaram como uma estratégia de guerra, durante a guerra fria para a comunicação do exército e para impedir que o sistema de comunicação fosse atacado do centro, a rede de comunicação que conhecemos atualmente foi aprimorada por pessoas com diversos interesses.

Castells cita o exemplo Chinês, onde o Estado chinês incentivou o avanço técnico até o século XV, quando dispunha de superioridade tecnológica em relação à Europa. Mas nas dinastias posteriores as elites culturais se concentraram nas humanidades, nas artes e na ascensão burocrática. Do mesmo modo, a revolução tecnológica atual ocorreu num processo histórico de reestruturação global do capitalismo, servindo de ferramenta para este. Como resultado emergente, temos uma sociedade capitalista e informacional, ainda que isso varie de acordo com o contexto de cada país.

Citando Raymond Barglow, Castells reafirma a ideia de que o avanço tecnológico está desfazendo a visão de mundo que ela mesma promoveu no passado. Isto fica mais nítido a partir da seguinte análise: o conceito tradicional de sujeito estava, de certo modo, fundado na afirmação de um sujeito independente, que podia até certo ponto se opor à estrutura da sociedade. O paradigma mecanicista apoiava este conceito, uma vez que a interação mecânica é uma interação entre elementos independentes. A base tecnológica estava em consonância com a noção de autonomia, soberania ou autossuficiência. Desde os filósofos gregos, a identidade individual estava de certo modo ancorada na capacidade do sujeito de realizar certas ações usando certas ferramentas.

A consequência desse desenvolvimento é uma espécie de “crise de identidade”. Por “crise de identidade”, podemos entender um processo no qual as identidades individuais ou coletivas, na ausência da segurança identitária provida por uma comunidade no sentido tradicional, tentam definir-se a partir da exclusão mútua.

Analisando o contexto social da cibercultura, que é a sociedade em rede, vemos que os processos sociais que compõem o informacionalismo, em que a experiência ganha certa precedência sobre a produção, também estão associados a uma oposição entre a Rede e o Eu, ou seja, um conflito entre sujeito e estrutura. O conceito central para compreender essa nova organização em redes é a instabilidade.